

REVISTA VAZA-BARRIS

Foto: Leo Freire

ITAPORANIDADE

Maio 2025 | Edição nº 01
© Academia Itaporanguense de Letras



Corpo Editorial

DIREÇÃO GERAL E EDITORIA-CHEFE
ALEXANDRE PAIXÃO

© Todos os direitos reservados à
Academia Itaporanguense de Letras

ASSISTENTE EDITORIAL
ROBSON MISTERSILVA

PERIODICIDADE
Anual

PROJETO GRÁFICO E DESIGN
ADENILSON NASCIMENTO

CONTATO

CONSELHO EDITORIAL
ADENILSON NASCIMENTO
ALEXANDRE PAIXÃO
ERIC BARBOSA
JOÃO KENNEDY PASSOS
ROBSON MISTERSILVA

✉ academiaitaporangusedeletas@gmail.com
📷 @ai_letras
☎ (79) 3264-1850
Rua Coronel Domingos Dias, 79, centro
Itaporanga d'Ajuda/SE
49120-000

SUMÁRIO

CARTA ABERTA AO POVO ITAPORANGUENSE	05
MENSAGEM DO EDITOR-CHEFE: A Revista Vaza-Barris e a unicidade literária itaporanguense	07
MENSAGEM DO PRESIDENTE: A cidade, o rio e essa revista	08
SEÇÃO 1: VOZES DA TERRA	09
• Texto 1: Fragmento Poético	11
• Texto 2: Fragmento da biografia de Horácio Hora	12
• Texto 3: Fragmento do livro “História de Sergipe”	13
• Texto 4: Fragmento do poema “Transfiguração”	15
• Texto 5: Fragmento do livro “Quadros da vida”	16
SEÇÃO 2: HISTÓRIA E MEMÓRIA	17
• ITAPORANIDADE: os traços singulares e peculiares de Itaporanga d’Ajuda	19
• 100 anos da Estação Irapiranga	23
• José Garcez Vieira: um itaporanguense na prefeitura de Aracaju ..	28
• 180 anos da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda	33
SEÇÃO 3: DISCURSOS	39
• Discurso do Presidente por ocasião da Instalação da Academia Itaporanguense de Letras	41
• Discurso do Secretário por ocasião da Instalação da Academia Itaporanguense de Letras	43
• Discurso do Diretor de Projetos à Câmara Municipal sobre o conceito Itaporanidade	45
SEÇÃO 4: LIVROS	47
• Fragmento de <i>antevéspera de Aracaju</i> do livro “Um menino sergipano”	49
• Fragmento de <i>o mar</i> do livro “Memórias de minha infância”	51

Nossos Patrocinadores



CARTA ABERTA AO POVO ITAPORANGUENSE

Talvez, ao saber da notícia sobre a instalação da *Academia Itaporanguense de Letras* (AIL), você tenha se perguntado: O que é uma academia de letras? Quem inventou? Como surgiu? Qual a sua utilidade? A fim de esclarecer, uma academia de letras é uma instituição sem fins lucrativos, mantida por donativos voluntários e formada por escritores, educadores, artistas, pesquisadores e intelectuais, provenientes das mais variadas formações, tendo um objetivo em comum: promover, preservar e valorizar a literatura, a cultura e a arte. Esse modelo de academia de letras tem origem na França, com a fundação da *Académie Française* em 1635, por iniciativa do Cardeal Richelieu. Por sua vez, no Brasil, a principal referência é a *Academia Brasileira de Letras* (ABL), inspirada nos moldes francófonos, foi fundada em 1897, no Rio de Janeiro, por um grupo de literatos liderado por Machado de Assis, que é considerado o maior escritor brasileiro. A partir de seu surgimento, as academias de letras desempenham diversas funções, sobretudo: a preservação da cultura e da língua; o incentivo à produção literária; a organização de eventos culturais; o arquivo e a memória literária; e o fomento à educação e à leitura.

Em primeiro plano, é intrínseco a toda sociedade possuir uma maneira de expressar seus hábitos diários, demonstrar sua conexão espiritual, manifestar suas tradições memorialísticas e defender seus valores éticos e morais. Esse modo de viver configura sua cultura, que se assemelha a uma impressão digital, com detalhes e traços ímpares. Além disso, toda nação tem uma língua, que carrega em sua estrutura sílabas e palavras oriundas dos idiomas das gerações pregressas. Com isso, talvez a língua seja o elemento que mais une e, ao mesmo tempo, universaliza os seres humanos. Algo que completa essa tríade é a literatura, sendo um elo entre a cultura e a língua, visto que fornece uma imagem de nação onde todos se veem representados culturalmente, cuja representação só é possível graças a uma língua idêntica. Em virtude disso, a AIL firma um contrato irrompível com o povo itaporanguense no que tange à defesa desses aspectos definidores do nosso cerne formativo – a cultura – língua – literatura – a fim de mediar uma parceria entre os movimentos culturais, linguísticos e literários com os órgãos públicos, com o anseio de que haja investimentos eficientes para que recordemos e apreciemos tanto a contribuição artística das povos originários quanto a produção intelectual dos maiores difusores do agir e do falar itaporanguenses.

Além do mais, tornar o povo de Itaporanga d'Ajuda mais próximo de sua história e de sua cultura é também nosso papel e, nesse sentido, organizar eventos culturais que promovam essa aproximação está no curso de nosso itinerário, que começa efetivamente a partir de agora. Ora, nutrir e celebrar a identidade cultural de nossa gente e promover o sentimento de pertencimento em relação ao que nos faz verdadeiramente itaporanguenses torna-se, cada vez mais, uma necessidade. Com efeito, somos itaporanguenses, e o que isso deve significar? O que deve pairar em nosso imaginário quando recordamos nossa história, nossa cultura, nossa literatura e nossa gente? Num tempo fortemente marcado por padrões globalizados e arquétipos de comportamento, orquestrados por uma violenta cultura de massa que ofusca e apaga as expressões originais de cada povo e que nos torna avessos e até inimigos de nossa própria cultura, a Academia se levanta com essa árdua missão de apresentar a genuína face de Itaporanga – a face formada pelo sotaque, pelas representações culturais, pelas personagens históricas, pelas devoções e movimentos de fé, pela vida de sua gente. De fato, a Academia vive e respira essa meta: é seu grande dever, sua razão de existir.

Enfim, a Academia quer desempenhar um papel fundamental na preservação da memória literária de nossos antepassados, sendo um verdadeiro guardião da rica herança cultural da nossa cidade. Assim, ao promover e valorizar a obra de escritores locais (Felisbelo Freire, Balthazar Góis, José Augusto Garcez, Genolino Amado, entre outros), a arcádia não apenas resgata a história literária de Itaporanga, mas também assegura que as vozes do passado continuem a ecoar para as gerações futuras. Na mesma perspectiva, ao fomentar a produção literária contemporânea, a AIL vai contribuir para a construção de uma memória dinâmica e inclusiva, que reflete tanto a tradição quanto as novas expressões artísticas, fortalecendo, então, a identidade cultural da cidade e estimulando o amor pela literatura entre os cidadãos. Com esse resgate e essa disseminação, a AIL objetiva instigar a leitura, posto que ela é indubitavelmente um dos melhores meios de educar um povo e direcioná-lo à ordem e ao progresso, lemas de nossa bandeira nacional, bem como à igualdade, à fraternidade e à liberdade, ideais basilares dos Direitos Humanos. Dessa forma, a AIL se tornou um eixo central no reconhecimento da literatura local, incentivando o diálogo entre escritores de diferentes épocas e promovendo um ambiente criativo que enriquece a cena cultural atual. Nossa esperança é que, com a nossa presença, a maior riqueza deste povo tão nobre e pujante - isto é, a sua cultura - continue a brilhar e iluminar o caminho de todos quantos a conhecerem por força de nosso empenho. Avante!

A Academia

MENSAGEM DO EDITOR-CHEFE

A Revista Vaza-Barris e a unicidade literária itaporanguense

Alexandre Batista Paixão*

É com inesquecível emoção que damos lume à primeira edição da *Revista Vaza-Barris* (REVABA)! Estamos totalmente cientes da imperiosidade desse periódico no resgate cultural dos nossos maiores artistas, que foram as forças-motrizes essenciais para a edificação de nossa identidade, cultura, cidadania, história, expressividade, representatividade e formação. Com essa publicação, almejamos fazer um trabalho equivalente à esplendorosa vastidão do *Rio Vaza-Barris* que, da Bahia a Sergipe, atravessa abundante e perenemente Itaporanga D'Ajuda. Além disso, essa bacia remonta à constituição religiosa municipal, em cujas margens várias instituições religiosas se ergueram a partir das crenças pacificadora, protetora e provedora relacionadas às suas águas. Desse modo, esse leito significa uma liturgia cosmogônica da origem, desenvolvimento, metamorfose e consolidação do povo itaporanguense. Da mesma forma que o *Vaza-Barris* alimenta e sacia a população itaporanguense, asseguramos que a REVABA aliada à Academia Itaporanguense de Letras (AIL) fará o seu máximo dentro de suas circunstâncias, capacidades e possibilidades, a fim de nutrirmos e hidratar-mos nossos conterrâneos no que tange à sabedoria ancestral e contemporânea associada à *itaporanidade*.

A *itaporanidade*, tema central desta edição, refere-se a um modo de ser, agir, pensar e sentir da população itaporanguense ligado à composição de traços que tornam Itaporanga D'Ajuda singular e peculiar perante a imensidão étnico-cultural do Brasil. À guisa de exemplificação, em nosso município, há várias manifestações emblemáticas como os Lambe-Sujos e os Caboclinhos, o São Gonçalo, o Samba de Cuíca, o Samba de Coco, o Reisado, a Cavalgada, a Quadrilha Junina e muitas outras, que se configuram como relíquias populares, folclóricas e memorialistas, resguardando a essência civilizacional e perpetuando sua identidade. Ainda que algumas dessas exteriorizações tenham raízes em outras regiões ou possuam alcance estadual e nacional, há aqui uma interpretação autêntica e original. Esse modo inédito de vivenciar e ressignificar a cultura constitui, em seu âmago, a *itaporanidade*. Nesse preceito, é válido dizer que esse termo transcende o singelo ato de participar desses eventos – trata-se de preservá-los, respeitá-los, valorizá-los, difundi-los e, mais do que falar, agir investindo tempo, energia e recursos. Nesse sentido, esse vocábulo não é um estado de consciência inato, entretanto, alcançável a partir da aquisição de conhecimentos filiados à nossa essencialidade formativa.

O conceito de conservação vai além da mera preservação do passado; visa-se à perseverança contínua para manter viva a identidade literária, garantindo sua permanência intergeracional. É com esse espírito que a REVABA, em cooperação com a AIL, compromete-se a promover a unicidade harmônica literária. Ademais, esse arsenal textual promete ser um nó entre a ancestralidade e a contemporaneidade constituintes da nossa septilha cultural. Por fim, além de preservar nosso memorial artístico, esse projeto publicitário almeja incentivar novas gerações a se engajarem em conversar nosso patrimônio material e imaterial, formando sucessores preparados para dar seguimento a esse objetivo ininterrupto.

*Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 7, referente ao patrono Gilberto Amado.

MENSAGEM DO PRESIDENTE

A cidade, o rio e essa revista

*João Kennedy de Sá Passos**

O rio Vaza-Barris percorre 450 km entre sua nascente e sua foz. Brota num olho d'água na Serra dos Macacos, em Uauá, na caatinga baiana, e segue seu caminho rumo aos fragmentos de Mata Atlântica de Sergipe. Nasce no coração do sertão e, vencendo a aridez, serpenteando a terra batida, avança, enxarcando terrenos secos e pedregosos, formando mangues e se tornando cada vez mais caudaloso à medida que se aproxima de sua sina. Depois de banhar Itaporanga D'Ajuda, entrega-se ao destino que lhe cabe: desaguar no litoral sul sergipano e se tornar oceano.

Quantas histórias e memórias se passaram em suas várzeas? Quantos famintos e sedentos esse rio já saciou? Quanta vida seus estuários abrigam? Em suas águas e margens, vivem crustáceos, peixes e aves migratórias protegidos pela flora que o enfeita. Esse rio, cujas origens guardam o emblemático Arraial de Canudos, traçou um percurso de grande significado até a sua foz, onde também guarda outro importante território. Cruzou povoados e cidades inteiras, carregando consigo a identidade das terras por onde passa, tornando-se um elo entre comunidades, culturas e tempos.

O Vaza-Barris é mais do que um curso d'água: é uma testemunha silenciosa das transformações da terra e das vidas que dele dependem. Apesar das barragens, dos descuidos, da poluição, da exploração predatória, dos areais que ferem seu leito e do desmatamento de suas matas ciliares, ele resiste. Segue fecundando vida, nutrindo territórios, sustentando a existência de muitos em sua jornada ininterrupta.

Assim como esse rio, essa revista nasce com o propósito de atravessar fronteiras, conectar histórias e dar voz às águas que carregam nossa identidade. Não queremos apenas recordar o que foi apagado – queremos reafirmar que nossa história está viva e pulsante, pronta para ser contada, admirada e continuada. A Vaza-Barris é um convite à reflexão, à memória e ao pertencimento. Como um rio que não se cala, seguimos o curso da palavra, desaguardo ideias e sonhos, deixando nossa marca no grande oceano da cultura, por onde já navegaram Felisbelo Freire, José Augusto Garcez, Genolino Amado, Gilson Amado, Gilberto Amado, Baltashar de Gois, artistas, escritores, cientistas, educadores, vanguardistas, empreendedores, trabalhadores e políticos, por onde hoje navegam esses que aqui escrevem, para que a história de Itaporanga seja tão honrada quanto é o rio que lhe banha, o Vaza-Barris.

**Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 1, referente ao patrono Felisbelo Freire.*

SEÇÃO 1

VOZES DA TERRA



*José Augusto Garcez, Patrono da Academia Itaporanguense de Letras
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*

Texto 1

FRAGMENTO POÉTICO*

*Leandro Ribeiro de Santana Sobral***

A tristeza, a saudade e a dor me corroem o coração.

Quando o sol tinha acabado
De por hoje radiar,
Foi que pude contemplar
O planeta da saudade
Com a vista deste astro
Acresceu nova aflição
Ao tormento que de então
Eu nutria no meu peito.
Eis de prooto s'entorpecem
Os meus membros fatigados
Pela febre, devorados,
Da tristeza e da saudade.
Como pois hei d'almejar
Que me venha melhor dita,
Quando o fogo da desdita
Requeimou todo meu ser?!
Quando já sombras da morte
Me parece as encarar;
Se até sinto rebentar
Contra mim o duro golpe?!...
Já não pode mais roçar
Em minh'alma a esperança;
Já p'ra mim não há bonança
Deste fado inexorável.
Já se embalam no meu peito
Um temor e confusão;
Já corroem meu coração
As chagas do meu amor.

Já contemplo como inertes
Todos os meus pensamentos;
Pois que a série de tormentos
Me prediz o que serei:
Me prediz que a sorte ingrata
Não consente que jamais
Eu consiga ternos ais
De Marília encantadora;
Que eu nunca (m'adverte)
Gozarei desta candura,
Gosarei esta pintura.
Do que é bom, formoso e belo.
P'ra viver sempre infeliz
P'ra morrer sem ter gozado
O meu bem, o mais amado,
Que meus males motivou:
Eis a sorte que me aguarda,
Eis o fim p'ra que nasci
Eis as palavras que li
No livro dos infortúnios.
Agora, Senhor, agora
Vós que sois imenso e forte
Abrandai a minha sorte,
Dai-me pois melhor ventura.
Não deixeis que vosso filho
Vá cumprir tão triste fado
De morrer exasperado...
Salvai-me, Senhor, Salvai-me!

*Poesia publicada em 21 de abril de 1848. Resgatada pela página Memórias de Itaporanga D'Ajuda, no facebook.

**Poeta (1829-1870) itaporanguense nascido no antigo Engenho Pati.

Texto 2

FRAGMENTO DA BIOGRAFIA DE
HORÁCIO HORA*

*Balthazar de Araújo Góis***

Meu caro Manuel dos Passos Conversando commigo a respeito de alguns trabalhos que elle tinha guardados e não se resolvia a dal-os a lume, recceioso de expor ao dedo da crítica a sua ignorância, me lembra que você me disse: – “Sim; pode guardar seus trabalhos didacticos, que são sua propriedade e pode condemnal-os ao fundo da gaveta ou ao egoísmo de suas postillas de professor. Porém a biographia do pintor que possuiu Sergipe, artista de gênio que honrou sua terra – essa não pode ser seu patrimônio exclusivo, mas de todos os bons sergipanos. [...] Aracaju, Maio de 1901.

*GÓES, Balthazar de Araújo. *Horácio Hora*. Aracaju: Typographia d'O Estado de Sergipe, 1902.

**Patrono da cadeira n° 2 da Academia Itaporanguense de Letras.

Texto 3

FRAGMENTO DO POEMA

"TRANSFIGURAÇÃO"*

*José Augusto Garcez***

Nas lucubrações, não encontras vida fugace,
tremenda, noturna, estranha.
carregando na face o sorriso da agonia.
Na retrospectão que acalenta
pensamentos inéditos,
envelhecidos perambulando nos alfarrábios
da sensibilidade.
o que te comoves?
A vida referta de prazeres?
Ou a fisionomia macabra da dôr
fazendo conchavos no coração do pobre,
andejando nos terreiros das choupanas,
mulheres e homens carcomidos pela miséria,
festejando a sina de criancinhas famintas,
imenso rebanho inconduzível, disperso
nos campos, nas fábricas, nos engenhos,
andando ao compasso de acordes funebres,
num ritmo merencório, sonolento,
arrastando-se nos aclives de almas aflitas
pastorando o sofrimento
entre multidões de vítimas.

*GARCEZ, José Augusto. *Invasão das estrelas. Movimento Cultural de Sergipe*, 1954.

**Patrono da cadeira n° 2 da Academia Itaporanguense de Letras.



Busto de Felisbello Freire
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

Texto 4

FRAGMENTO DO LIVRO "HISTÓRIA DE SERGIPE"*

*Felisbela Freire***

Antes da guerra, o negro vivia a tirar do sólo os factores da riqueza, pelo trabalho agrícola, monopolizado em favor da raça branca, e o índio, sob a tutela proteccionista do jesuita, não deixava de colaborar na civilização colonial, ainda que em plano muito inferior.

Para conquistar o território usurpado, o colono teve necessidade de abandonar o trabalho agrícola e entregar-se á vida das armas.

Acompanharam-n'o nesse abandono as duas raças, para depois entregarem-se a vida selvagem e criminosa dos mocambos, que tornam-se frequentes, depois do final da guerra. Compreende-se que o negro, espoliado em seus direitos, sem regalias, sob a atrocidade de um captiveiro, sem nada receber de seus esforços, de sua actividade, aproveitou, a oportunidade da guerra para possuir a liberdade pela força. Não era facil e expontaneamente que voltaria ao trabalho, depois de um abandono de alguns annos.

O mocambo é pois um producto da guerra, e é tambem a ex-pressão de um protesto da raça contra a escravidão.

Compreende-se por conseguinte que essa tendencia bem positiva da sociedade colonial, em sua generalidade de crimes e de desordens, reclamava uma medida administrativa que viesse corrigir esse estado, para não perpetuar-se. E essa medida só podia affectar a organização judiciaria, alargando suas prerogativas e aumentando seus órgãos.

Ella teve por fim melhorar os agentes fiscalisadores da justiça, collocando a propriedade e a vida á abrigo de ataques, por meio da expansão e severidade da punição.

Eis, a nosso ver, as causas da reforma administrativa, que objectivou-se principalmente no lado judiciario. Tinha-se ampliado por demais, nos periodos passados, a força armada, com a criação de diferentes corpos, a qual, não obstante isto, não poderia corrigir o defeito social existente, por que, como corpo militar, sua função não era punir o crime e sim executar as ordens de um poder competente.

*FREIRE, Felisbela. *História de Sergipe*. São Cristóvão, editora UFS: 2013.

**Patrono da cadeira n° 1 da Academia Itaporanguense de Letras.

Texto 5

FRAGMENTO DO LIVRO

"QUADRO DA VIDA"*

*Antônio Conde Dias***

Professora Carlotinha, como geralmente a conheciam e simpaticamente a tratavam na Vila, era amiga das mais afeições da minha família que lhe consagrava sincera estima e sobremodo a admirava. Promovia quase sempre, festinhas cívico-sociais e representações teatrais, para tornar mais alegre e movimentada a vida viva dos itaporanguenses que se ressentiam da falta de distrações, sadias e amenas, à semelhança do que acontece em outras pequenas localidades do interior sergipano.

[...] feitos os necessários e imprescindíveis preparativos e vencidas as fortes e naturais resistências do coração filial, em face da angustiante perspectiva da separação dos entes queridos, eis-me de viagem a Aracaju, a fim de ingressar nos pórticos gasalhosos da tradicional casa de ensino em cujo seio pude, a largos haustos, sorver conhecimento e haurir exemplos que benéficos me tem sido na vida cotidiana. Passei os primeiros dias, como é natural e desculpável aos calouros, tristonho e retraído, procurando fugir o mais possível ao convívio de mestres e colegas com vontade louca de voltar para casa, com o objetivo de me entregar, novamente, às estimadas e inesquecíveis brincadeiras de infância, mas, aos poucos, fui-me ambientando ao novo cenário que se me desenhava diante dos olhos de inexperiente menino do interior.

*DIAS, Antônio Conde. *Quadros da Vida*, 1991.

**Patrono da cadeira n° 5 da Academia Itaporanguense de Letras.

SEÇÃO 2 — — HISTÓRIA E MEMÓRIA



*Igreja do Complexo Tejupeba (atual Fazenda Colégio)
Foto: Otávio Alfano*

ITAPORANIDADE: os traços singulares e peculiares de Itaporanga d'Ajuda

Alexandre Batista Paixão**

No dia 10 de fevereiro de 2025, enquanto aplicava uma avaliação, um silêncio que, em anos de docência, jamais testemunhei algo semelhante, quase uma ausência integral de sons ou uma incapacidade temporária dos tímpanos, tomou conta da plenitude do ambiente escolar. À medida que meus estudantes, mergulhados na profundidade do rio *Mnemosine*, pareciam buscar as memórias conteudísticas, eu fui tomado por uma iluminação súbita à maneira budística – um lampejo que me levou a refletir sobre o orgulho de ser itaporanguense. Como definir o sentimento tão genuíno, algo tão eufórico e incomensurável quanto o patriotismo exacerbado de Policarpo Quaresma quando declarou: “Tens uma terra tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros! Eu, se algum dia puder, hei de percorrer a minha de princípio ao fim!”? (LIMA, 2014, p.14). “Existe um vocábulo capaz de abarcar, em toda a sua magnitude, a gratidão de ser filho de Itaporanga D'Ajuda?”, pensei. Devido à falta terminológica, de forma abrupta, veio-me a palavra *itaporanidade*, a qual anotei imediatamente em meu caderno de lembretes. Só depois de chegar em casa, é que pude compreender a preciosidade dessa dádiva divina. Que privilégio é poder trazer ao mundo inteligível mais uma das milhares de palavras da grandiosa língua portuguesa!

O termo é inspirado no próprio nome da cidade – Itaporanga, que, segundo o lexicógrafo Eduardo Navarro (2005), é uma palavra proveniente do Tupi: “Ita” denota pedra, e “Poranga” significa bonita. Nesse viés, preservaram-se, antes de tudo, essas duas palavras que remetem a uma de nossas maiores identidades étnico-culturais, que são os povos originários Tupis, em cujos fenótipos e genótipos itaporanguenses estão presentes *ad infinitum*. Por sua vez, com o acréscimo de “dade”, que, de acordo com Celso Cunha e Lindley Cintra (2025), é de origem latina e indica qualidade, propriedade, estado ou modo de ser, aludindo à indissociável presença da latinização e da romanização na formação do idioma português. Com essa aglutinação dicotômica, surgiu a palavra *itaporanidade*. Além de “ita” – pedra, “poranga” – bonita e “dade” – estado de ser, há uma letra “i”, que é uma vogal de ligação que duplica o “i” do início, cuja vogal também tem um significado semântico forte, pois, consoante Bosi (1977), a letra “i” é palatal quanto à articulação, ou seja, a língua sobe até o céu da boca, dificultando a passagem de ar, o que metaforiza a ideia de reclusão, ajustando-se perfeitamente à ideia patriótica de Quaresma – permanência no solo de nascimento para percorrê-lo de ponta a ponta como se fosse um peregrino dromomaníaco. Ademais, duas numerologias se sobressaem: a duplicação do “i” supracitado, que promove o conceito de companheirismo, e as sete sílabas da palavra i-ta-po-ra-ni-da-de, que sugere a metáfora de perfeição, visto que, no universo teológico, em Gênesis, Deus descansa no 7º dia, e no Apocalipse, pune as 7 igrejas, a besta de 7 cabeças e a humanidade com 7 selos, 7 taças e 7 trombetas.

*Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 7, referente ao patrono Gilberto Amado.



Lambesujo
Foto: Leo Freire

Coincidentemente nosso município é o 7º maior de Sergipe, então esse Algarismo faz parte da alma itaporanguense. Não é à toa que se sinto ganhador da loteria por ser ocupante da cadeira nº 7, referente a Gilberto Amado. Nesse simbolismo, a itaporanidade representa o conjunto perfeito de traços que tornam Itaporanga D'Ajuda singular e peculiar perante a imensidão étnico-cultural do Brasil. Dessa forma, dentro de um país continental, com 26 estados, 1 Distrito Federal e 5.569 municípios, conforme o IBGE (2022), o que torna o povo itaporanguense único é justamente sua cultura e sua maneira de exercê-la cotidianamente.

Por sua vez, é óbvio que toda palavra é uma mimese de uma palavra já existente. Então, mesmo tendo esse fluxo inspiratório, o vocábulo retoma a um termo que é bem marcante para o estado de Sergipe. Nessa perspectiva, no artigo “Sergipanidade: um conceito em construção” (2011), Luiz Antônio Barreto aponta que a expressão *sergipanidade* foi dita pioneiramente pelo sergipano Tobias Barreto, um dos maiores escritores românticos brasileiros da terceira fase, escrita por seu discípulo Prado Sampaio e, posteriormente, discursada por José Silvério Leite Fontes. De acordo com Barreto (2011), esse termo surgiu da necessidade de afirmação identitária devido à continentalidade brasileira aliada à crescente universalização cosmopolita. No entanto, à época; como quase toda criação no Brasil; o substantivo não recebeu a merecida atenção em razão da tendência costumeira à valorização cultural eurocêntrica em detrimento da nacional. Em contrapartida, seu prestígio conceitual ocorreu apenas séculos depois, tornando-se uma fonte de inspiração para artistas, escritores e intelectuais comprometidos com a disseminação das manifestações culturais e com a preservação das memórias populares.

Sergipanidade é o conjunto de traços típicos, a manifestação que distingue a identidade dos sergipanos, tornando-o diferente dos demais brasileiros, embora preservando as raízes da história comum. A Sergipanidade inspira condutas e renova compromissos, na representação simbólica da relação dos sergipanos com a terra, e especialmente com a cultura, e tudo o que ela representa como mostruário da experiência e da sensibilidade. Cada povo, situado no ambiente da sobrevivência – recorrência universal da vida humana – cria sua perspectiva, muitas vezes utópica, de futuro, adota suas crenças, incorpora seus valores, constrói seus caminhos, elabora modos de viver e de compreender a realidade, produz a sua própria história. (Barreto, 2011, n/p).

Nessa analogia, a palavra *sergipanidade*, derivada sufixalmente do topônimo Sergipe, que, condizente com Navarro (2005), significa “no rio dos siris”, mais a simbiose da vogal de ligação “i” com o sufixo “dade”, expressa o modo de ser, agir, pensar e sentir do povo sergipano. Conforme Barreto (2011), essa identidade cultural se estrutura a partir de um conjunto de características comuns, híbridas e flexíveis, que instiga a consciência de pertencimento a uma região ou a uma sociedade. Esse sentimento identitário é homogeneizante, já que, embora diante de elementos compartilhados em nível nacional, como a língua, a culinária, os hábitos, entre outros, restringe uma sociedade às características presentes especificamente num determinado espaço geográfico limitado. Contudo, a *sergipanidade* só ocorre quando uma pessoa vê sua terra como uma raridade incomparável onde se sente orgulhosa de ter nascido, crescido, vivido, reproduzido ou envelhecido. Portanto, atinge-se um estado de consciência que se reflete em ações concretas de valorização dos emblemas locais, preservação de ritos e fortalecimento da memória.

Nessa mesma linha de raciocínio, a itaporanidade se refere a um modo de ser, agir, pensar e sentir da população itaporanguense. Nesse contexto, torna-se claro que o termo não significa uma mera emoção ou um simples sentimento, todavia, um conjunto de conhecimentos, crenças, comportamentos, hábitos, manifestações, práticas e valores que particularizam e privilegiam esse local. Nessa lógica, a itaporanidade é o patrimônio cultural imaterial – os modos de atuação, a tradição oral, a organização social, os costumes intergeracionais, as crenças espirituais e as manifestações populares que remontam à formação cidadã. Além disso, esse modo de viver é também o patrimônio cultural material, como as obras e as práticas artísticas – a música, a dança, a pintura, a escultura, a arquitetura, a literatura e o cinema – oriundos do âmbito intelectual, mas também – a moda, o designer, o marketing, a decoração, os esportes, o turismo e a tecnologia – provenientes do setor industrial, os quais são produzidos por itaporanguenses natos ou não, a fim de expressar os traços históricos, sociais, econômicos, religiosos e políticos ligados à miscigenação cosmogônica e à gênese evolutiva. Com base nas informações dispostas acima, pode-se afirmar impreterivelmente que a itaporanidade é a maior característica da Academia Itaporanguense de Letras (AIL), cujos membros são, agem, pensam e sentem por intermédio de moldes refletores da unicidade, da peculiaridade e da essencialidade de Itaporanga D'Ajuda.

REFERÊNCIAS:

- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BARRETO, Luiz Antônio. Sergipanidade: um conceito em construção, **RSNOTÍCIA**, 24 de out. 2011. Disponível: <[RSNOTÍCIA: Sergipanidade / Luiz Antônio Barreto](#)> Acesso: 24 de mar. 2024.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANEDO, Daniele. **Cultura é o quê?** Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V **ENECULT**, v. 5, p. 1-14, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2025.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 de mar. 2025.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos**. 3. ed. São Paulo: Global. 2005.

100 anos da Estação Irapiranga

Robson Mistersilva**

1. Paisagem linguística de Itaporanga

A História está nas praças, ruas e avenidas. Este é um mantra que venho repetindo exaustivamente nos últimos anos, desde que em 2021 passei a integrar o grupo dos pesquisadores em Onomástica, a área dos estudos lexicais que tem como objeto de estudo o nome próprio. Especificamente, minha área de pesquisa é a toponímia, subárea dos estudos onomásticos que se deleita sobre o estudo do nome do lugar. Nossa cidade está repleta de nomes que são convites à pesquisa. A nossa paisagem linguística nos apresenta uma infinidade de nomes de ruas, praças, estabelecimentos comerciais, instituições e toda uma sorte de nomes que clamam por serem pesquisados e possam compor a memória daqueles que partilham conosco a *itaporanidade*.

Um desses espaços é a Estação Irapiranga. Edificado entre 1913 e 1914 (e tendo sido inaugurado neste último), este monumento não só é um convite à boa pesquisa, mas também à reflexão dos caminhos históricos pelos quais trilhou o nosso povo. O centenário deste prédio quase passou batido, salvo algumas publicações feitas pelos confrades Edésio Garcez Sobral Junior, em seu *blog* pessoal; e Robson Mistersilva, em sua página do *instagram* "Arquivo Histórico de Itaporanga D'Ajuda". Este símbolo de *itaporanidade*, edificado quando a nossa Itaporanga ainda era uma vila, traz-nos detalhes de quem viveu por mais de um século, acompanhando algumas gerações de itaporanguenses percorrerem as ruas que foram surgindo ao seu redor. A Estação marcou um novo cenário neste lugar. Antes dela, os espaços que mais atraíam a atenção dos munícipes eram as ruas onde o comércio e a Igreja Matriz (não à toa próximas) se desenvolviam. Este novo espaço surge; sobrevive às mudanças. Nasceu na vila de Itaporanga, passou para a cidade de Itaporanga em 1938, viu o nome da cidade mudar, em 1944, para Irapiranga – fato, aliás, que traz em si como uma cicatriz histórica – e chega aos dias atuais, trazendo toda uma história que será explanada aqui apenas em sua forma mais concisa. Eis o convite à pesquisa de novos capítulos para este lugar.



Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

*Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 3, referente ao patrono Genolino Amado.

2. É mais fácil ir a Europa do que a Sergipe

O historiador André Luiz Sá de Jesus, pesquisador que, entre outros projetos, faz um resgate da história das ferrovias sergipanas, mostra-nos que, desde 1872, inúmeras foram as tentativas de construção de uma estrada de ferro em Sergipe. O objetivo dos visionários era ligar por via férrea, a província de Sergipe à Bahia e a Alagoas. Na época, Sergipe era um espaço em branco entre duas ferrovias: a primeira, ligando Recife ao São Francisco (Estrada de Ferro Recife ao São Francisco) e a segunda, ligando a Bahia ao São Francisco (Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco). Esse aspecto isolava Sergipe de seus vizinhos e se mostrava um forte obstáculo para ser vencido pela elite política sergipana.

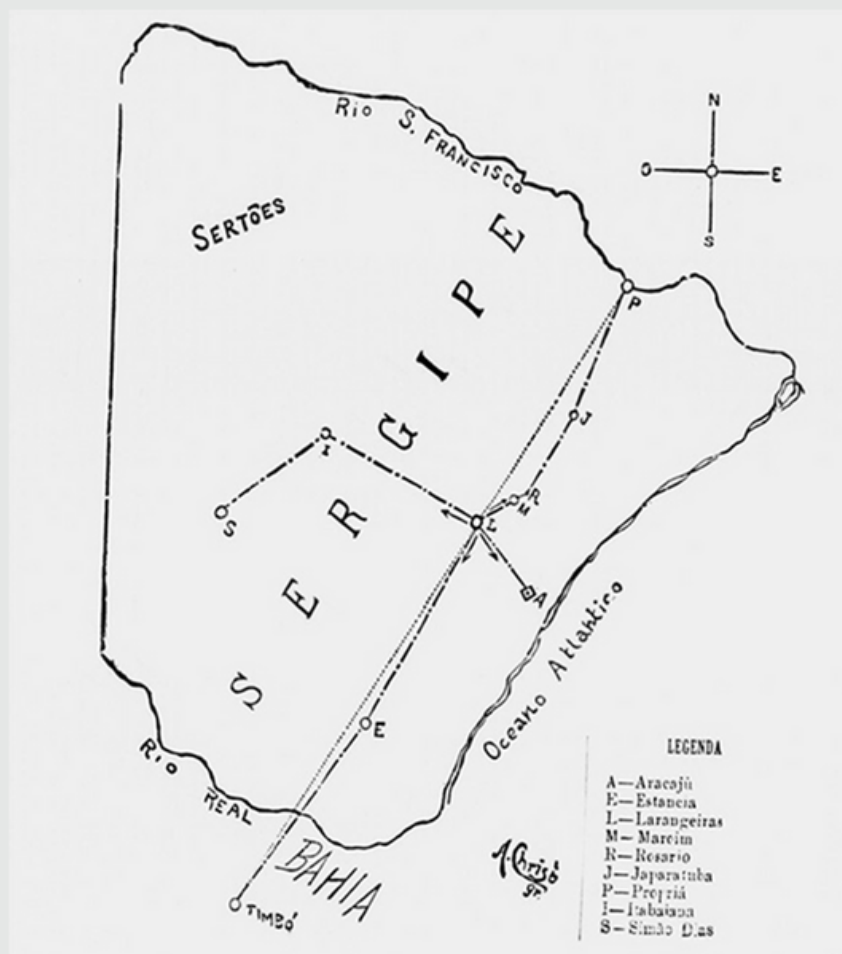


Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

Tal era a preocupação com a causa que, em discurso de 15 de setembro de 1903, de acordo com André Luiz Sá de Jesus, o deputado sergipano José Rodrigues da Costa Dória (1859-1938) trouxe a causa à pauta do dia, afirmando que, apesar de ser Sergipe ligado aos seus vizinhos por mar, estava isolado pela linha de ferro, expressão do progresso do período. Seu discurso ficou famoso pela sentença “é mais fácil ir a Europa do que a Sergipe”, que sintetiza toda a problemática acerca da posição de Sergipe em relação à política das ferrovias.

3. O início da mudança

No mesmo ano, segundo Jesus (2017), José Rodrigues da Costa Dória apresentou o projeto de lei nº 1126, que previa a construção da Estrada de Ferro Timbó a Propriá, ligando Sergipe à estrada de ferro baiana, desde a antiga povoação do Timbó (hoje, Esplanada, na Bahia) através da cidade de Propriá. O projeto contava ainda com uma ramificação: uma linha de ferro que ligaria a cidade de Aracaju a Simão Dias, passando por Laranjeiras.

Bem sucedido, o projeto começou a ser desenhado para ser executado. Em 12 de novembro de 1908, com o Decreto nº 7171, conforme afirma Jesus (2017), a firma Austrícliano de Carvalho & Cia. ficou autorizada a iniciar os trabalhos para a construção da ferrovia, o que teve início em 6 de maio de 1908 em Timbó e em 17 de junho em Aracaju.

Com o primeiro trecho concluído (do Timbó até Aracaju), em 26 de maio de 1913 foi feita a inauguração parcial da ferrovia. De acordo com André Luiz Sá de Jesus, o Jornal Diário da Manhã noticiava que a inauguração havia sido marcada para dois dias antes (24 de maio), mas que teve de ser adiada devido a fortes chuvas que aconteceram nesse dia.

Vencido o problema climático, a inauguração logo pode acontecer. Para a inauguração do trecho, uma comitiva baiana de 30 participantes composta por políticos, militares, jornalistas, a Banda de Música do 1º Corpo Policial da Bahia e o Corpo de Guardas Civis, percorreram as várias estações existentes entre os trechos, sendo recebidos pela população e políticos locais.



Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

A população local e os políticos locais prestigiaram a inauguração, que não teve a pompa da primeira inauguração ocorrida para o primeiro trecho, mas que não deixou de ser importante.

Inicialmente, o nome da Estação era Itaporanga. Em 1944, já administrada pela Viação Férrea Federal Leste Brasileiro S/A, com a mudança do nome da cidade, o nome gravado no prédio da estação passou a ser Irapiranga. É curioso que em 1949, mesmo com a cidade, tendo o nome mudado para Itaporanga D'Ajuda, o nome Irapiranga tenha permanecido. A partir de 1975, a ferrovia passou a ser administrada pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima até sua desativação, na década de 1990. Atualmente, o prédio pertence a particulares, servindo de estabelecimento comercial que traz o nome Irapiranga em sua identificação.

Para quem viveu nas décadas de 1980 e 1990, que faz parte de uma geração anterior à da juventude itaporanguense, guarda na memória o som do trem, a sensação da viagem, a paisagem dos trilhos, entre outras tantas boas lembranças. Para aqueles que viveram em época mais anterior, de certo guardam memórias do tempo onde o trem era um fenômeno na cidade. Ah, como seria bom registrar essas memórias (eis, um convite, amigo leitor!).

Passados 100 anos, a Estação Irapiranga segue firme e forte, mesmo como loja, resiste e grita “ainda estou aqui”, resgatando a nossa História.

REFERÊNCIAS:

- ALMANAK ADMINISTRATIVO, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, 1914, **HEMEROTECADIGITAL**. Disponível em: <<https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>> Acesso em: 30 de mar. 2025.
- JESUS, André Luiz Sá de. **Uma história da primeira estação ferroviária de Aracaju** (1910-1976). Dissertação de Mestrado. 2017. 138f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- MISTERSILVA, Robson. Estação Irapiranga (1914), **ARQUIVO HISTÓRICO DE ITAPORANGA D'AJUDA**. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/historiadeitaporanga/monumentos-hist%C3%B3ricos/esta%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>> Acesso em: 21 de mar. 2025.

José Garcez Vieira: um itaporanguense na prefeitura de Aracaju

Robson Mistersikva**

Há tempos venho batendo na tecla de que Itaporanga projetou grandes figuras da História Sergipana, curiosamente apagadas de seus lugares nos Anais do percurso histórico sergipano. Figuras como Felisbelo Freire ainda gozam de certo reconhecimento sem negar-lhe a origem. Outras, porém, não têm a mesma sorte. E uma parcela tem sua história totalmente desconhecida. Este é o caso, por exemplo, de José Garcez Vieira.

1. Do Camaçari para a Capital Sergipana

Nascido em 3 de junho de 1903, na Usina Camaçari, na Vila de Itaporanga (atual Itaporanga D'Ajuda), o pequeno José Garcez Vieira viria a fazer história na capital sergipana. Sua história política tem início na década de 1940, quando em 31 de novembro de 1942, o então interventor federal e sogro Augusto Maynard o iniciou na política, nomeando-o prefeito de Aracaju.

Sua gestão à frente do Poder Executivo da capital sergipana foi notória. É de sua gestão a construção do Jardim de Infância, que atualmente leva o seu nome, o mais antigo jardim de infância de Aracaju, segundo o IBGE (*apud* Lima, 2005). O prédio foi inaugurado em 10 de novembro de 1944 para servir à população da antiga região do Aribé, atual Bairro Siqueira Campos.

A monografia de Ana Paula Santos Lima (2005), *Jardim de infância José Garcez Vieira na imprensa sergipana*, relata como foi a inauguração deste espaço:

Assim, o Jardim do Centro Municipal de Assistência à Criança, assim logo chamado na sua inauguração, em 10 de novembro de 1944, tinha como finalidade atender a uma parcela da população quase que totalmente excluída das poucas políticas públicas de educação infantil. Numa solenidade concorrida, com a presença do Interventor Federal Augusto Maynard Gomes e diversas autoridades, o prefeito José Garcez Vieira cortou a fita inaugural e conduziu os presentes para as modernas e amplas dependências do jardim. O Jardim já dispunha de instalações físicas adequadas com salas amplas, canteiros, brinquedos infantis, professora de música, recreadora, atendimento médico – odontológico permanente. Esta instituição, situada no Bairro Siqueira Campos, ficou conhecida como o Jardim Operário porque fora a primeira instituição de atendimento pré-escolar pública municipal situada num bairro popular, que atendia crianças das famílias das camadas trabalhadoras. Na administração do prefeito José Conrado de Araújo (1959-1963), o jardim passou a denominar-se Jardim de Infância José Garcez Vieira. (Lima, 2005, p.13).

*Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 3, referente ao patrono Genolino Amado.

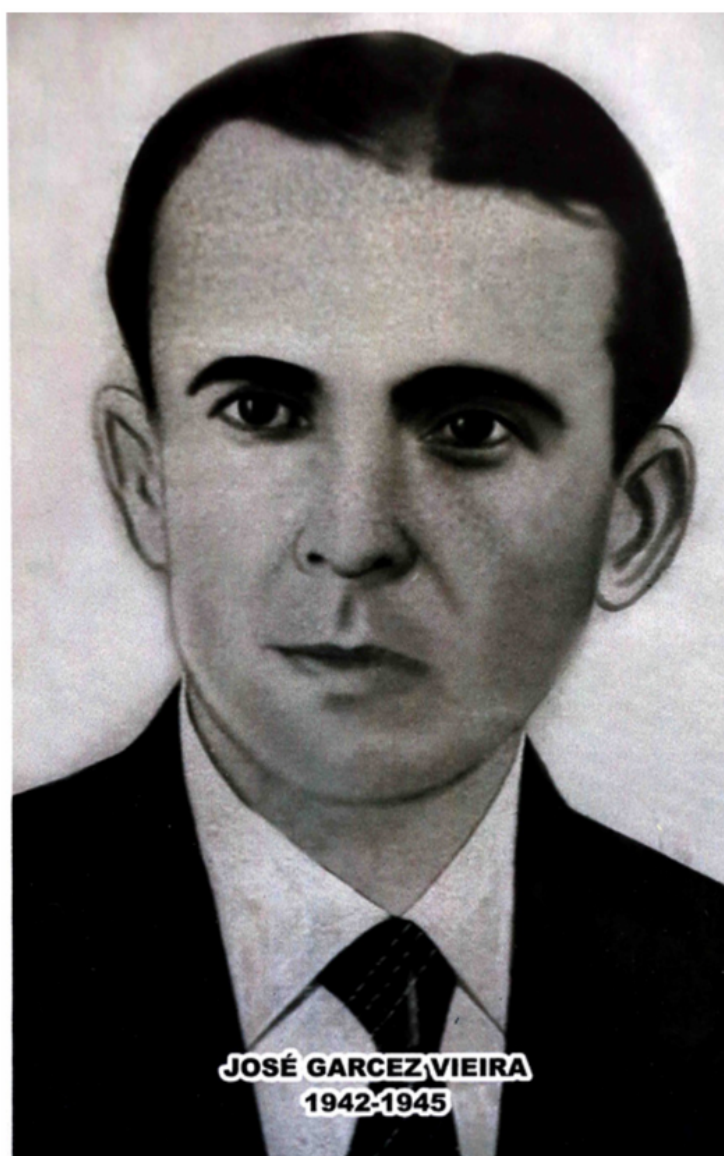


Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

Para Lima (2005), a criação do Jardim de Infância em Sergipe foi oficializada através do Decreto 1 nº 75, de 21 de março de 1945:

Art. 1º. Fica instituído nesta capital o “Centro Municipal de Assistência à Criança”, constituído de um Jardim de Infância e de um Posto Puericultura, uma Biblioteca infantil e Grupo Escolar.

Art. 2º O Jardim de Infância, dentro de sua principal finalidade pedagógica e social, deverá realizar a educação da criança em idade pré-escolar. Estabelecerá relação entre a criança e o mundo exterior, proporcionando-lhe destarte um ambiente propício à educação, para que possa desenvolver-se física, moral e mentalmente, sem esforço nem constrangimento.

Art. 3º O Jardim de Infância destina-se ao ensino pre-primário, ou seja, ao preparo de crianças para a escola primária, de 4 a 6 anos, em 2 anos, divididos em períodos de 8 meses, incluídas as férias, por exercícios apropriados que visem desenvolver o espírito de observação e formar hábitos mentais sociais e higiênicos. (sic).



*Jardim de Infância construído em 1944 em Aracaju na gestão de José Garcez Vieira (antes e atualmente).
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*



A obra *A cartilha do barnabé: a educação pública municipal no governo Conrado de Araújo* (1959-1963), de Tereza Cristina Cerqueira da Graça e outros (1996), traz um dado importante sobre a gestão de José Garcez Vieira frente ao Poder Executivo de Aracaju, o que mostra a sua visão educacional e administrativa:

De 50 a 64 não se tem notícia de qualquer concurso na rede municipal. O único concurso registrado foi realizado na administração de José Garcez Vieira, para o recrutamento de professoras para o Jardim de Infância em 1945. A lei estabeleceu a formação de uma banca examinadora composta de professores de comprovado reconhecimento público. Seis professoras aprovadas e admitidas pela prefeitura. A documentação disponível revela a contratação de professores pelos sucessivos governos. Como tão somente alguns poucos contratos ressaltam “‘a normalista diplomada’, somos levados a crer que o contingente de professores leigos veio se formando ao longo da constituição da rede pública municipal de ensino. (Graça, 1996, p.81).

2. O lado empresarial de José Garcez Vieira

José Garcez Vieira não deixou sua marca apenas na política da capital sergipana. Foi ainda Deputado Federal por duas Legislaturas. Sua história, contudo, está longe de se limitar à área política. Como empresário e pecuarista, também deixou sua marca de inovação na história do nosso estado. De acordo com Osmário Santos (2003), José Garcez Vieira trouxe para Sergipe a Revenda Ford. Entre as ações da sua vida empresarial está a fundação da fábrica de sabão Celeste, em Sergipe e na Bahia.

José Garcez Vieira também foi o pioneiro na inseminação artificial de animais no Estado de Sergipe. Assim, em entrevista a Osmário Santos, seu filho Júlio Augusto Marynard Garcez relembrou a luta de seu pai na área empresarial: "Meu pai era o primogênito de doze irmãos e para trabalhar saiu de Riachuelo. Morava inicialmente em uma 'república' no bairro Industrial, começou trazer seus irmãos para trabalhar e estudar em Aracaju, conseguindo formar os irmãos Paulo em Medicina, João em Odontologia, Fernando em Engenharia, e Luiz em Direito" (Santos, 2003).

REFERÊNCIAS:

- GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; et tal. **A Cartilha do Barnabé: a educação pública municipal no governo de Conrado de Araújo** (1959-1963). Aracaju: PMA/SEMED/Sercore, 1996.
- LIMA, Ana Paula dos S. O primeiro Jardim de Infância municipal de Aracaju “José Garcez Vieira”. **Anais do VIII SEMOC**, UCSAL, out, 2005.
- MISTERSILVA, Robson. José Garcez Vieira: um itaporanguense na prefeitura da capital. **Revista Surubi**, v. 01, n. 01, 2025, p. 5-6.
- SANTOS, Osmário. Júlio Augusto Maynard Garcez (1946 - 2012), **GRUPO MINHA TERRA É SERGIPE**. Disponível em: <https://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2012/07/foto-reproduzida-do-album-de-liana.html>. Acesso em: 10 de dez. 2025.



Nossa Senhora d'Ajuda
Foto: Adenilson Nascimento

180 anos da Paróquia Nossa Senhora d'Ajuda

*Robson Mistersilva***

1. A Origem portuguesa da devoção a Nossa Senhora d'Ajuda

A história de Nossa Senhora D'Ajuda em nossa região está intimamente ligada à história da evolução de nossa terra. A origem da santa é portuguesa, no contexto das viagens marítimas: é lenda conhecida em Portugal, principalmente na região da Freguesia da Ajuda, que um certo pastor, na Idade Média, de passagem pela região onde hoje se encontra a freguesia da Ajuda, teria visto a aparição da Virgem Maria.

A notícia teria se espalhado rapidamente e logo surgiram os primeiros curiosos que se fixaram no lugar por considerá-lo um lugar santo. Lendas à parte, o fato é que nessa região foi edificada com a primeira construção de uma capela dedicada à Santa que trazia “ajuda” aos que a procuravam. De Portugal para o Brasil, coube aos jesuítas trazer consigo a devoção à Santa da Ajuda. Assim, em 1549, em Salvador, liderado pelo padre Manuel da Nóbrega foi erigida a primeira capela, de pau a pique e coberta de palha, dedicada à divindade.

2. A devoção em Itaporanga

No início do século XIX, Itaporanga era uma povoação pertencente a São Cristóvão. Em 1753, havia sido construído nessa povoação o Engenho Itaporanga por Francisco de Sá Souto Maior. A Família Sá Souto Maior possuía uma ligação familiar com Salvador, sendo uma das moradas anteriores deste ramo familiar antes da chegada em terras sergipanas.

Em 1583, chegaram a Salvador dois irmãos da família Souto Maior: Manuel de Sá Souto Maior e Diogo da Rocha de Sá Souto Maior. Eles eram filhos de Leonardo de Sá Souto Maior, fidalgo já arruinado do clã, mas que por matrimônio se entrelaçou, de acordo com Sebrão Sobrinho, com a família Rocha de Sá. Essa filiação, aliás, fora o motivo da migração dos Souto Maior para Sergipe, pois “Tinham, aqui, um parente” muito amigo de Diogo da Rocha de Sá Souto Maior.

Em Salvador, conheceram o culto a Nossa Senhora da Ajuda. Entre os filhos de Diogo da Rocha de Sá estava Mem de Sá (que dará nome à ilha de Itaporanga). Mem de Sá, em 1593, na Freguesia da Sé, em Salvador, casou-se com Maria Barbosa. Esta Maria Barbosa, segundo Sebrão Sobrinho (2003), faleceu em 8 de setembro de 1622, e foi sepultada em Nossa Senhora da Ajuda, em Salvador. Percebemos então, a familiaridade da família Souto Maior com o culto a Nossa Senhora da Ajuda, e será esta família a responsável pela introdução do culto nesta povoação.

**Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 3, referente ao patrono Genolino Amado.*

***Embora alguns acreditem que o nome da ilha itaporanguense foi dado em homenagem ao terceiro Governador Geral do Brasil, Mem de Sá, segundo Sebrão Sobrinho, este é apenas um homônimo, sendo este membro da Família fundadora do Engenho Itaporanga o verdadeiro homenageado.*



O Engenho Itaporanga
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

3. A Fundação da Capela de Nossa Senhora d'Ajuda em Itaporanga

Entre os pesquisadores itaporanguenses, Luís Siqueira melhor estudou a antiga Capela de Nossa Senhora D'Ajuda, na monografia *Religião, Terra e Poder: o encapelado de Nossa Senhora da Ajuda em Itaporanga – SE* (1798 – 1838). Nessa obra, podemos conhecer melhor como era a Capela em 1798, o mobiliário existente, os instrumentos e as imagens de santos, além de termos uma noção da aglomeração populacional que acabou se formando ao redor dessa capela, algo maior que os ecos populacionais dos demais lugares onde se criou fazendas e capelas em Itaporanga no período, que se restringiam a poucas unidades de moradias de trabalhadores dessas fazendas.

A obra de Sebrão Sobrinho também se debruçou sobre o Encapelado de Nossa Senhora da Ajuda do Itaporanga, em vários artigos publicados no jornal *O Nordeste*, desde dezembro de 1941 até fevereiro de 1942, quando escreve o último artigo. Douglas Leoni também traz importante contribuição para o entendimento desse período. Uniremos os três relatos para montar o quebra-cabeça da história da fundação desta capela em terras da povoação de Itaporanga.

Em 1791, o Engenho Itaporanga era administrado por Temóteo Fagundes de Sá Souto Maior, filho de Francisco de Sá Souto Maior, fundador do Engenho e já falecido nesta data. Há duas versões para a construção da Capela de Nossa Senhora D'Ajuda nas terras do Engenho Itaporanga. Na versão de Sebrão Sobrinho, a construção da Capela se deu em 5 de julho de 1791 “por escritura pública”. Por que fora erigida e porque fora dada como orago Nossa Senhora da Ajuda? Para o pesquisador, com a morte de Francisco de Sá Souto Maior, sua esposa Águeda de Sá Souto Maior, alimentou a ideia de contrair segundo matrimônio:



Antiga Rua da Intendência, de onde se vê a Igreja Matriz e seu Cruzeiro
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

Quando d. Águeda de Sá Souto Maior, viúva de seu parente Francisco de Sá Souto Maior, genitora de prole crescida e casada, em idade mediana de avó para bisavó, senão trisavó, acarinhou, nos murchos seios ou no verdor do coração, a idéia, altamente sugestiva, de passar a segundas núpcias com um parente caça-dotes, não sopitaram à magia e, à uma só voz, protestaram contra o ato irrefletido, irrazoável materno, todos os filhos. (Sobrinho, 2000, p. 56).

Embora tenham protestado os filhos, o casamento se concretizou. “Não lhes deu atenção a amorosa senil e o contrato nupcial houve lugar” (Idem, p. 56). Em resposta aos desejos de D. Águeda de Sá, teriam os filhos de retirado do Engenho Itaporanga: “Retiraram-se os filhos de Casa Grande, desligaram-se dela e ficou só, o casal venturoso, olvidado do interesse contrariado deles.” (Idem, p. 56).

O segundo marido de D. Águeda de Sá Souto Maior foi Pedro da Rocha, que colocou na cabeça da esposa a ideia de vender a parte dela no Engenho Itaporanga porque não lhe era interessante ficar morando em lugar onde não era desejado pelos enteados. Sabendo que a venda da metade da propriedade, caso ocorresse, poderia significar o fim do empreendimento deixado pelo pai, Temóteo de Sá Souto Maior orchestra uma alternativa para tentar convencer a mãe a não vender a sua parte do Engenho ou se pelo menos, se o fizesse, que a ação não significasse a extinção por completo da benfeitoria de Francisco de Sá Souto Maior:

Sabedores e certos de que tudo iria por água abaixo, porque o que ficava seria diminuto e na esperança de que a mãe amorosa não vendesse a parte que tinha na propriedade, ou, se o fizesse, ali ficasse alguma coisa que lembrasse aos quase arruinados fidalgos Soutos Maior, fizeram erigir uma ermida nas terras que lhes pertenciam e, por escritura pública de 5 de julho de 1791, após a respectiva licença eclesiástica, a instituíram em capela, dotando-a com trezentas braças de terras anexas à mesma ermida, reservando para eles e descendentes, a começar pelos filhos varões dos mais velhos, a administração, que, de maneira alguma, poderia passar a estranhos, ainda mesmo que fosse vendido, porquanto aquelas terras pertenciam ao encapelado e lhe deram, como orago Nossa Senhora da Ajuda, naturalmente lembrança da residência de seus antepassados em Salvador. (Sobrinho, 2003, p. 57)

A adoção de Nossa Senhora da Ajuda como orago, portanto, na visão de Sebrão Sobrinho, era “naturalmente lembrança da residência de seus antepassados em Salvador” (Idem, p. 57).

Há, na versão de Sebrão Sobrinho (2003) algumas considerações importantes: primeiro, o plano genioso de Temóteo Fagundes de Sá Souto Maior: a construção da Capela de Nossa Senhora da Ajuda foi um plano para tentar convencer a mãe a desistir da ideia de seu novo marido de vender sua parte do Engenho Itaporanga e voltar para Salvador; segundo, que o plano A tinha um plano B: se mesmo assim a parte fosse vendida, a Capela garantiria manter na memória o legado da família Souto Maior na região; terceiro, Temóteo sabia que a venda de metade do Engenho seria a ruína do mesmo, pois somente com metade das terras seria impossível manter o Engenho funcionando; quarto, havia uma cláusula para a administração da capela e das terras anexas: que somente os filhos varões da família Souto Maior poderiam ser administradores das mesmas, mesmo se o Engenho por completo fosse vendido.



*Proissão de Nossa Senhora d'Ajuda em 1933
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*

De acordo com o autor, Temóteo Fagundes de Sá Souto Maior, dessa forma, se tornou o primeiro administrador da Capela de Nossa Senhora da Ajuda. Porém, sua gestão durou pouco. Sete anos após a construção da capela, em 1798, a parte de Dona Águeda de Sá no Engenho Itaporanga foi vendida (“a mãe e o padraсто contratam vender a parte que tinham no engenho Itaporanga” (Idem, p.57), e por esta razão, basicamente os filhos foram levados a vender sua parte também (“e, nessa condição, foram impelidos a fazê-lo também” (Idem, p.57).

Menos romântica é a outra versão que existe para a construção da Capela de Nossa Senhora da Ajuda. Para organizar sua versão, o autor recorre à obra de Luís Siqueira (2007). Para o autor, em 1792 – um ano mais tarde que a versão de Sobrinho –, Temóteo Fagundes de Sá Souto Maior arrenda terras ao padre Bernardino Pinto da Silveira. Este, por sua vez, terceiriza o arrendamento das terras ao Sargento-mor Domingos Dias Coelho e Mello. O marido de D. Águeda de Sá, na versão de Douglas Leoni (2024), já havia arrendado seis anos antes – portanto, em 1786 – parte das terras ao mesmo sargento-mor. O arrendamento das terras rendia 450 mil réis por ano, que eram divididos entre o padre Bernardinho e Pedro da Rocha.

Leoni e Siqueira afirmam que, passado um tempo, a negociação é desfeita, e o padre Bernardino volta a pagar o aluguel das terras a Temóteo de Sá Souto Maior. De acordo com os autores, Pedro da Rocha acaba falecendo pela mesma época, fazendo de Temóteo o herdeiro natural do Engenho Itaporanga. Dessa forma, o trato do arrendamento passou a ser feito diretamente entre Temóteo e o sargento-mor Domingos Dias Coelho e Mello. É válido pontuar, que da mesma forma que Sebrão Sobrinho, Siqueira e Leoni concordam que a capela não fazia parte dos negócios envolvendo a venda do Engenho Itaporanga.

4. A Criação da Paróquia Nossa Senhora d'Ajuda

É possível aproveitar as duas versões da História para enriquecer o legado de Nossa Senhora D'Ajuda. O fato é que a presença da Santa será decisiva na futura formação de um nucleamento populacional. As festas de Nossa Senhora D'Ajuda tiveram início ainda no século XIX. De acordo com Douglas Leoni Rodrigues Melo da Silva, os Arquivos do Judiciário de Sergipe indicam que inicialmente eram feitas por particulares, e tiveram como primeiro registro conhecido em 02 de fevereiro de 1820.

A presença da Capela atraiu a classe mais desfavorecida da população e logo se passou a observar na circunvizinhança algumas casas populares. A prosperidade da povoação fez com que nascesse ali o desejo de ter a Capela de Nossa D'Ajuda elevada à categoria de Matriz. Houve pelo menos duas tentativas, sendo a primeira em 31 de maio de 1833, que foi negada.



*Igreja Matriz, na década de 1920
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*



Igreja Matriz, atualmente
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

Em 30 de janeiro de 1845, uma nova tentativa fora feita. Dessa vez, apresentada pelo Cônego Vigário Geral José Francisco de Menezes Sobral, a lei provincial trazia o seguinte texto: "O Cônego Vigário Geral José Francisco de Menezes Sobral, Vice-Presidente da Província de Sergipe: Faço saber a todos os habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decreta a Lei seguinte: Art. 1º fica elevada à Freguesia, desmembrada da de Nossa Senhora Da Vitória, a povoação da Itaporanga, e à categoria de Matriz a respectiva capela de Nossa Senhora D'Ajuda".

O ano de 2025 marca 180 anos desse feito. Dela para cá, a antiga capela ganhou construção mais moderna. De acordo com o historiador Luís Siqueira (2007), a igreja foi erguida a partir do primeiro quarto do século XIX, em substituição à capela do século XVIII, e só é concluída por volta de 1930.

REFERÊNCIAS:

- MISTERSILVA, Robson. **Memórias de Itaporanga**: Aracaju: Infografic, 2002.
- SIQUEIRA, Luis. **Religião, Terra e Poder**: O Encapelado de Nossa Senhora da Ajuda em Itaporanga – Se (1798 – 1838). Itaporanga d'Ajuda: do Autor, 2007.
- SILVA, Douglas Leoni R. Melo da. **Ensino de História numa perspectiva local**: um roteiro iconográfico de igrejas do vale do vaza-barris em Itaporanga d'Ajuda-SE. 2024. 111f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Sergipe, 2024.
- SOBRINHO, Sebrão. **Fragmentos de Histórias Municipais e outras histórias**. Aracaju: Instituto Luciano Barreto Junior, 2003.

SEÇÃO 3

DISCURSOS



*Registro da Posse do itaporanguense Genolino Amado na Academia Brasileira de Letras em 1973.
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*

Discurso do Presidente por ocasião da Instalação da Academia Itaporanguense de Letras

*João Kennedy de Sá Passos**

10 de maio de 2025

Senhoras e senhores, excelentíssimos confrades e confreiras, excelentíssimo senhor prefeito municipal, Ivan Sobral, excelentíssimos vereadores e vereadoras, secretários de governo, amigos e benfeitores da cultura, queridos familiares e todos os filhos de Itaporanga d'Ajuda.

Hoje, 10 de maio, após 171 anos da elevação à categoria de vila, que tornou aquela freguesia (elevada em 30 de janeiro de 1845 pela Lei Provincial n.º 135) um território autônomo (conforme a Lei Provincial nº 383/1854), instalamos, por esse ato, a *Academia Itaporanguense de Letras* (AIL). Criada no dia 13 de janeiro deste ano, na sala dos fundadores da *Academia Sergipana de Letras*, essa arcádia surge por força de seu lema que, lhe vocaciona e que nos convoca. A antiquíssima expressão latina *Alma mater* (sugerida pelo acadêmico Adenilson Júnior), que significa *Mãe que nutre*, faz-nos um urgente apelo: é preciso trabalhar para resgatar, preservar, salvaguardar, promover, cultivar, nutrir e construir a “itaporanidade”, termo cunhado pelo acadêmico Alexandre Paixão, que reúne as características culturais, literárias, linguísticas, sociais, econômicas, gastronômicas, artísticas, geográficas, ambientais, e, sobretudo, do nosso maior patrimônio, nossa gente, o povo de Itaporanga d'Ajuda.

Desde a segunda metade do séc. XVI, quando esse território era uma pedra bonita banhada por um caudaloso rio vermelho, ocupado pelos numerosos indígenas Tupinabás, liderados pelo primeiro herói itaporanguense, o cacique Surubi, que lutou bravamente em defesa desse lugar, contra a escravidão, contra exploração colonizadora portuguesa, que começou com a chegada da missão jesuíta coordenada pelo padre Gaspar Lourenço, ao fundar a Povoação de Santo Inácio, na margem direita do Vaza-Barris, até a consolidação da cidade, em 28 de março de 1938 (por foro do Decreto/*Lei* Estadual nº 69), nossa história tem sido construída por muitas mãos, por pessoas que foram vanguardistas, como Felisbello Freire, Francisco José Alves Chagas, José Augusto Garcez, Gilson Amado, por talentos natos como Genolino Amado e Gilberto Amado, Antônio Conde Dias, por empreendedores como Heráclito Dantas, políticos como Arnaldo Rolemberg Garcez, professoras como Antonieta Gambardela, mestres de cultura como Juarez Pinheiro e Manoel Sotero, e pelos incontáveis e anônimos trabalhadores e trabalhadoras do comércio, das indústrias e das lavouras que hoje fazem nossa economia girar, que fazem nossa cultura vibrar, e, que hoje, me obrigam a perguntar: por que nos esconderam essa grandiosa história? Por que mitigaram nossos talentos? Por que nos negaram o direito de preservar nossa história? Por que destruíram nossos prédios históricos? Por que não celebraram nossos heróis? Por que não deram voz aos nossos professores, educadores dessa gente? Por que não publicaram a literatura itaporanguense? A quem interessou e a quem serviu o desmonte do patrimônio histórico, cultural, literário e artístico de Itaporanga? Por que não cuidaram desses bens que possuem valor incalculável, e que agora possuem prejuízos irreparáveis? Quem e por que nos assaltou o orgulho de ser itaporanguense?

**Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira nº 1, referente ao patrono Felisbello Freire.*

As respostas para essas perguntas, a história, por razão de seu ofício, não nos esconderá, pelo contrário, ela vai nos contar, um dia. Porém, o que nos interessa hoje é, o que ainda é possível fazer. O que nos interessa é o que estamos prontos para fazer! Acorados na liberdade de expressão, na capacidade de mobilização para o diálogo, na inteligência criativa, na coragem determinada, na pesquisa e produção acadêmica, no interesse pelos temas republicanos, na educação consciente de cada criança e jovem itaporanguense, no compromisso com a responsabilidade social, no desejo de contribuir, de fazer parte, é exatamente nesse contexto, que a Academia se insere, como guardiã da palavra e da identidade itaporanguense, como guardiã da itaporanidade, e dessa nobre missão, nenhum de nós acadêmicos se furtará.

Este é um capítulo de nossa história, enquanto comunidade, cidadãos, munícipes, filhos e filhas, escrito com as tintas da memória e da esperança, cujas cores são de dedicação, compromisso, muito trabalho, muito orgulho, e, por que não dizer, também de muito bairrismo. Nossa Igreja Matriz, a Praia da Caueira, o Vaza-barris e as mangabeiras, a ilha Mem de Sá, os livros, nossos símbolos, as pessoas, nossa gente e suas tradições, o São João, as praças, os prédios públicos, nos inspiram uma grande devoção que hoje marca o início de um capítulo que queremos construir juntos para nossa cidade. Que a palavra se erga como símbolo de resistência e de progresso, para um tempo em que nossa história seja contada com o respeito e a grandeza que merece. Temos fé no que virá!

Obrigado aos queridos confrades e confreriras que me trouxeram a primeira presidência dessa arcádia. Obrigado a cada um pelo testemunho da presença.

Discurso do Secretário por ocasião da Instalação da Academia Itaporanguense de Letras

*Robson Mistersilva**

10 de maio de 2025

Prezados membros da Academia, estimados convidados,

Nessa noite de júbilo, a cidade de Itaporanga D'Ajuda se enche de alegria por ver o passo importante que toma seus filhos. Nossa cidade tem uma grande História, um passado que é pouco conhecido, mas que é demasiado grandioso para permanecer no esquecimento. Grandiosa também é a sua cena literária, que nos legou grandes nomes: Genolino Amado, primo do escritor mundialmente conhecido – Jorge Amado, nasceu em Itaporanga no ano de 1902. Como escritor, conseguiu galgar a mais alta honraria que poderia sonhar a um conterrâneo da pequena cidade do vale do Vaza-Barris: eleito para a cadeira 32 da *Academia Brasileira de Letras* em 1973. Tamanho feito jamais seria repetido em nossa terra, até mesmo porque esta é uma tarefa das mais difíceis. Mas, tivemos um itaporanguense lá. Quais cidades sergipanas podem se orgulhar de ter um filho que conquistou tamanha façanha? São poucas, e a velha Itaporanga está entre elas.

Itaporanga foi a terra escolhida pelo destino para trazer ao mundo Felisbello Freire, o primeiro historiador de Sergipe, mostrando que desta terra brotou grandes nomes. Felisbello Freire, pioneiro da historiografia sergipana nos trouxe um grande legado. Foi ele o primeiro presidente de Sergipe no período republicano, além de ter sido um grande nome da intelectualidade da época. Contemporâneo de Felisbello Freire é o desconhecido itaporanguense Balthazar de Araújo Góis, que foi membro da Junta Governativa do Governo provisório de Sergipe neste início de governo republicano. Um itaporanguense preparou o terreno e outro itaporanguense assumiu o governo. Digo estas palavras para mostrar como a nossa História é importante. Temos grandes nomes que participaram ativamente da História de Sergipe, mas que misteriosamente é apagado dos anais da História que cabe a esta casa fazer essa reparação histórica. O nascimento da *Academia Itaporanguense de Letras* é o marco que será lembrado como o dia em que os lençóis da História foram descobertos ao público, aos munícipes e aos irmãos sergipanos.

A cena cultural de Sergipe também não seria a mesma sem a atuação de José Augusto Garcez, patrono da nossa Academia. José Augusto Garcez foi membro da Academia Sergipana de Letras e criador do Movimento Cultural de Sergipe, responsável pela divulgação de uma gama de trabalhos artísticos em diversas áreas na segunda metade do século XX. Foi ele também o pioneiro da museologia sergipana. Trago esses nomes para citar apenas alguns. Se fôssemos falar em cada itaporanguense que contribuiu para a História de Sergipe a noite seria pouca. Porém, é nossa tarefa que – uma das – a história desses ilustres itaporanguenses seja conhecida em nossa cidade e fora dela. Trabalharemos para isso. A antiga cena literária é riquíssima de grandes contribuições. Chamo os escritores desse período, pela mania que tenho enquanto pesquisador de categorizar, classificar, de Primeira Geração da Literatura itaporanguense.

**Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 3, referente ao patrono Genolino Amado.*

Há também uma Geração da qual me orgulho em fazer parte. São escritores que apareceram na cena literária a partir dos anos 2000, como Édson Santana, Reginaldo Fontes e este que vos fala. Produzimos, sobretudo, no início do século XXI, mas até hoje levantamos a bandeira da literatura, da arte e da cultura. Os demais membros da Academia são escritores mais jovens, que fazem parte de uma Novíssima Geração, sob a qual recai todo o peso de levar o legado de Felisbello Freire, de Genolino Amado, de José Augusto Garcez e tantos outros para as novas gerações de Itaporanguenses.

Nem só de literatura vive a Academia. Mas de toda a arte e cultura que o homem itaporanguense possa produzir. Por isso, além de escritores e poetas o nosso corpo é – e sempre será composto – por pesquisadores, artistas de diversas naturezas, mas acima de tudo de amantes da nossa História.

Agradeço a oportunidade de fazer parte deste seleto grupo, onde a troca de ideias e o incentivo mútuo são fundamentais para o nosso crescimento literário. Que juntos possamos cultivar a arte da escrita, valorizar nossos mestres e inspirar as futuras gerações de escritores.

Discurso do Diretor de Projetos à Câmara Municipal sobre o conceito Itaporanidade

Alexandre Batista Paixão*

08 de maio de 2025

Caríssimos prefeito, vereadores, confrades e cidadãos de Itaporanga d'Ajuda,

É com enorme admiração, reverência, respeito e compromisso que me dirijo a Vossas Excelências, presentes nesta Casa Legislativa, personificação da Carta Magna, a partir do meu lugar de fala, por ser um filho nato desta Terra, nascido na outrora Maternidade Arnaldo Garcez e criado no povoado Nova Descoberta, mas também como um cidadão que é professor, pesquisador, escritor e membro da *Academia Itaporanguense de Letras*, consubstanciação da cultura municipal. Em primeiro plano, gostaria de anunciar à Assembleia a criação de um vocábulo que, de maneira abrangente, inédita e original, visa à explicação de quais são os traços culturais *sui generis* de Itaporanga D'Ajuda e por quais motivos ímpares sentimos gratidão e orgulho de pertencer à cidade. Nesse sentido, origina-se um conceito que vai muito além de um simples sentimento, uma vez que abrange integralmente o modo de ser, agir, pensar e sentir da população itaporanguense.

O termo foi criado em 10 de fevereiro de 2025, durante a aplicação de uma avaliação em sala de aula, quando tive um lapso de inspiração criativa e refleti sobre a existência de uma palavra com carga semântica suficiente para definir os traços distintos e inimitáveis da identidade cultural itaporanguense. Foi então que surgiu o termo *itaporanidade*. Para melhor esclarecimento, a palavra deriva do próprio nome Itaporanga, oriundo da língua tupi: “Ita” significa pedra, e “Poranga”, bonita. A isso se acrescentam a vogal de ligação “i” e o sufixo “dade”, remetentes à língua latina, que denota qualidade, propriedade, estado ou modo de ser. Assim, a *itaporanidade* se classifica como o estado comportamental do povo itaporanguense proveniente do conjunto harmônico de conhecimentos, crenças, comportamentos, hábitos, manifestações, práticas e valores associados ao patrimônio cultural material e imaterial.

Nesse contexto, nossos bens tangíveis e intangíveis são os alicerces inabaláveis de nossa identidade formativa, sustentando com firmeza todos os outros pilares que são os direitos individuais e coletivos declarados e assegurados pela Constituição Federal. Assim como uma casa bem alicerçada resiste às tempestades e aos abalos sísmicos, nossa cultura precisa ser fortalecida para que permaneça firme e forte frente às adversidades. Nesse prisma, como disse Cristo, todo aquele que faz uma edificação sobre a rocha não será abalado pelos fenômenos celestes nem pelos tremores subterrâneos. Por isso, faz-se necessária uma súplica a todos aqui presentes, a fim de não deixarmos que a inoperância, a displicência e a omissão sejam os tufões e os terremotos que derrubam e levam nossa herança cultural aos entulhos do esquecimento. Assim, é nosso dever inegociável e intransferível valorizar, preservar, respeitar, difundir e, mais do que nunca, investir tempo, energia e recursos públicos na proteção desse legado inestimável, visto que cada manifestação cultural que se desmorona é um pedaço de nossa história que se torna irreformável e irreparável.

*Membro da Academia Itaporanguense de Letras, ocupante da cadeira n° 7, referente ao patrono Gilberto Amado.

É oportuno mencionar que Itaporanga D'Ajuda não é apenas um município; é um continente gigante de manifestações culturais mantidas com a resistência e a perseverança de seu povo, que transcendem o tempo em plena atividade intergeracional. Entre as expressões que compõem nosso vasto arsenal, destacam-se os Lambe-sujos e os Caboclinhos, dos povoados Duro I e Nova Descoberta; São Gonçalo, do povoado Campos; o Samba de Cuíca, do povoado Tapera; o Samba de Coco, no povoado Caueira; o Reisado, dos povoados Nova Descoberta, Camaçari-Mirim e Ilha Mem de Sá; a Cavalgada, do povoado Campos; a Quadrilha Junina, nos povoados Nova Descoberta, Duro I e Tapera. Todos esses movimentos são muito mais do que celebrações festivas; são nossas bases que aludem ao nosso passado, mantêm erguido o nosso presente e elevarão o nosso futuro.

Essas tradições são a essência da itaporanidade, remetendo à confluência, à composição e à cooperação dos povos africanos, indígenas e portugueses, que foram indispensáveis para estarmos aqui neste exato momento. Então, é imprescindível darmos atenção emergencial e imediata à nossa itaporanidade, antes que as enchentes da globalização e da modernização inundem as almas, as mentes e os corações de nossa juventude com *feeds*, *hashtags* e *posts*, deixando cada vez menos espaço para nossa identidade, cultura e história. Se não forem os senhores, a Casa que representa a voz do povo, a erguer essa bandeira, quem o fará? Dessa forma, que a plêiade governamental, com sua força e representatividade, seja o guardião incansável desse legado, promovendo ações concretas, com vistas à cultura que nos define e nos une! Por fim, solicito-lhes que se juntem à Academia Itaporanguense de Letras para que, com o mesmo intuito, possamos converter a itaporanidade de nosso município numa referência estadual de beleza, organização e união.

SEÇÃO 4

LIVROS



*Antigo Museu de José Augusto Garcez
Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda*

Texto 1

FRAGMENTO DE "ANTEVÉSPERA DE ARACAJU" DO LIVRO "UM MENINO SERGIPANO"*

*Genolino Amado***

Semana Santa. Na sexta-feira, de manhã, eu participava das caridades que tradicionalmente a família distribuía. Todos os irmãos tinham papel a cumprir. Quanto aos outros, papel igual - entregar à pobreza pacotes de "jejum", embrulhos bem acondicionados com "de comer" bacalhau, feijão, farinha, beijus, etc. Coube-me incumbência especial. Posta na calçada uma banquetta com pilhas de moedas, meio-vintém, dois vinténs de cobre. Eu, num tamboretezinho atrás da banquetta, atendia aos que achavam melhor receber moedas em lugar do "jejum".

Na Sexta-Feira da Paixão, de manhã, eu me sentia importante. Cristo morrendo e minha vaidade nascendo.

Distribuídas as esmolas, o dia me era mais do que tristonho. Toda a gente vestida de preto, Itaporanga de luto. Se menino quisesse brincar, que fosse dentro de casa. Na rua, os pais proibiam. Na conversação dos adultos, a voz baixa, assuntos sérios e, dentre os sérios, nada de negócios ou de política. Havia um tom de pêsames nos cumprimentos habituais e convencionais dos que se encontravam.

Itaporanga, comedida na devoção, até com alguns descrentes e muitos católicos sem verdadeira fé, só ouvindo a missa dominical, casando no religioso e batizando os filhos, sem confessionários nem hóstias, essa Itaporanga, na Sexta-feira da Paixão, se fazia beata, mística.

Foi numa dessas, de tarde, que afinal conheci a igreja. Até então apenas conhecia a chamada Igrejinha, simples capela, ao fim da nossa rua, com seu adro semicircular, de cimento, utilíssimo para o jogo de pião. E assim mesmo só a vi de fora. Quase nunca se abria.

Naquela tarde, quando a família compareceu ao templo, também segui, com a roupa mais escura, em companhia dos irmãos. Pensei encontrar beleza, luz, cânticos e preces, de acordo com o que me narrava Mãequinha na volta das novenas. E encontrei penumbra, que o Genolino de hoje qualificaria de funérea.

*AMADO, Genolino. *Um Menino Sergipano*. 1. ed. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira* / Brasília: INL, 1977.

***Patrono da cadeira n° 3 da Academia Itaporanguense de Letras.*

Os santos e as santas dos nichos laterais, velados com panejamentos cor violeta. Nem vi a que tanto quisera ver, a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Ajuda. Silêncio completo. E a impressão acabrunhadora do silêncio, o mundo sem voz de falar, e cantar, rezar, chorar. E então, aos pés do que devia ser o altar-mor, também coberto na mesma cor dos nichos, divisei, ali deitado, o Senhor Morto.

Que arrepio! A barba escura, escuras e em desalinho as madeixas. Na fisionomia, lividez extrema; na testa, nas mãos, nos tornozelos, coágulos de sangue. Envolvendo a cintura do corpo seminu, uma espécie de tanga roxa, de um roxo mais roxo do que o dos crepúsculos itaporanguenses. Um sobressalto de pesadelo.

De noite, o pavor. A espera da procissão tenebrosa que iria passar, mas sem ser vista. A Procissão das Almas, que só os devotos de intenso fervor tinham direito de acompanhar. Exigia o costume que ninguém a espionasse da rua, da porta ou das janelas. Juntinho de Iaiá, tremi, aguardando. E aquele profundo silêncio na moradia rumorosa de Melk e Donana. O silêncio e o medo. Eu, ainda com o arrepio do Senhor Morto. E lá vem a procissão. Anunciou-a de longe, monótono, lento, soturno, o soar das matracas. O som aumentou. Aumentou-me o susto. O som diminuiu, perdeu-se à distância, dormi exausto.

Texto 2

FRAGMENTO DE "O MAR" DO LIVRO "MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA"*

*Gilberto Amado***

Logo nos primeiros meses de estadia em Itaporanga, antes mesmo de ter começado a fazer amizade com o Vaza-Barris, fui ver o mar... e isso em consequência de uma notícia que abalou a vila. Um verdadeiro estrupício. Os meninos da escola onde eu ainda não ia, passavam excitados, falando alto. Gente, ouvindo o alvoroço, perguntava: “Que foi?”

Meu pai chegou em casa dizendo: “Uma baleia deu na costa”. Numa praia perto, a do Mosqueiro, entre Itaporanga e São Cristóvão, uma baleia “deste tamanho”. Vinha vindo gente até de Aracaju para ver. Organizou-se excursão. Itaporanga toda ia ver a baleia. Lá tocamos, os meninos pequenos em maçaneta de sela, os maiores nas garupas, uma ninhada de família pobre acomodada em caçuás, dois de cada lado, como galinhas. Meu pai e amigos com os filhos fomos dos primeiros a partir. A terra, na viagem, foi mudando. Já não era como a de Itaporanga; só areia branca e fofa; os pés dos cavalos enterrando-se nela; canavial não se via, só coqueiros. Paramos numa casa para deixar os cavalos; tocamos a pé. Aí foi caminhar muito. A baleia estava longe. Íamos uns quinze meninos. De repente, um estrondo inenarrável, uma explosão inconcebível me fez estremecer.

- É o mar! - exclamou meu pai, acolhendo-me nos braços, pois eu recuara para ele. A que distância estaríamos? Não o poderia precisar. O mar, que eu só havia visto pintado, a sua revelação inicial foi pelos ouvidos: um troo formidável, um medonho estrondejo de mil tiros de canhão fundidos num só, disparados ao mesmo tempo. Dir-se-ia vir do oco da terra. Meu pai e outros homens, todos ainda jovens, dispararam para a frente levando os meninos. Ouvimos então choro; paramos. Um pequenino, com os olhos pulando, segurava nas calças do pai, dizendo: “Não! Não!” Chegamos para perto dele; catarro escorria-lhe do nariz, e, misturado às lágrimas, entrava-lhe pela boca. Todos começaram a agradá-lo, a convencê-lo, a ajudá-lo a superar aquele choque, a arrastá-lo mesmo. Não deu resultado; teve de ser carregado esperneando e esgoelando-se como um bacorinho. Nós já estávamos molhando os pés junto da baleia. Que bicho! Passeavam em cima, davam-nos a mão lá de cima, os meninos escorregavam, quem dava a mão escorregava com a gente. Iam abrir a baleia a machado no dia seguinte antes que começasse a feder e os urubus a chegar.

*AMADO, Gilberto. *História da Minha Infância*. São Cristóvão: Editora UFS, 1999.

**Patrono da cadeira n° 7 da Academia Itaporanguense de Letras.

O mar, o Atlântico, ali estava, todo unido e plano, o mar, aquele camaradão, diante de mim. O olhar ia por ele sem parar até lá longe. O sol danava-se em cima da gente querendo comer pescoço e peito nu de menino. Os homens tiravam a roupa para tomar banho, entravam, voltavam logo, sacudindo-se. O mar unido, o mar plano!

Na conferência que marcou o início da minha carreira literária (A chave de Salomão), quando falei do mar, a impressão que salientei foi essa da unidade. Não me recordo se a lembrança estaria em mim ao escrever a conferência. Devia estar.

Nenhum daqueles meninos tinha visto ainda o mar; o mar; todos queriam provar a água. Faziam caretas golfando-a fora. Tomamos “banho salgado” (em Sergipe não se diz banho de mar), os olhos ficaram ardendo; os pais seguravam os filhos; fizemos barulho dentro da água, mas o menino que tinha medo não tomou parte nos brinquedos. Ficou todo o tempo sozinho, sentado na areia, de costas para a água, virando-se uma vez ou outra de esgueira, um instante, para retirar logo os olhos da superfície imensa que nos chamava para as viagens, para o mundo.

Que histórias Iaiá não contou depois a propósito dessa baleia! Iaiá era contadeira de histórias à criançada, que ao escurecer, tendo levado banho, depois do brinquedo, vinha chegando para a nossa calçada. Os cabelos foveiros amarrados por uma fita, os olhos muito abertos onde a sensibilidade tremia, olhando para todos e para ninguém, Iaiá começava a contar. Fora eu, santo de casa, toda a pequenada sentava-se por ali em torno dela. Onde tinha ido ela achar tanta história de trancoso, tanto conto da carochinha? Saíam-lhe da boca, um atrás de outro, príncipes vestidos de ouro, cavaleiros montados em dragão que botava fogo pelo nariz, bicho falando, velha que come menino, a passarem pelos olhos da garotada, presos aos dela, uns babando. Que façanhas, sortilégios e proezas de mouras-tortas, de fadas e de velhinhas feiticeiras, de pajens encantados, de corcéis, de palácios e de castelos, não trazia Iaiá para aquela meninada! Vi muito molequinho chorar com as histórias, sobretudo nas em que ela cantava como a do “Jardineiro de meu pai”; cantava de cortar coração. Vi-a, lembro-me tanto, consolando os cabrochinhos, explicando que era só história, os cabrochinhos chorando, e ela a contagiar-se das lágrimas que provocava, querendo chorar também. A verdade é que se esquecia de que estava inventando; ficava com medo dos próprios fantasmas, figuras e monstros que criava. Como todo verdadeiro artista, acabava acreditando nas próprias criações. Se tivesse vivido em outro meio teria sido uma atriz.

Que espanto, o meu, quando três anos depois, esquecida na sua imaginação da origem desse cetáceo que tinha dado na praia ali perto, ouvi-a contar a história começando assim: “Foi um dia lá longe, numa terra muito longe em que o Rei era assim e assim, a Rainha assim e assim... foi um dia uma baleia, um bicho que come menino...” E lá vinham a história de Jonas e uma baleia mesmo ruim, com interpolações medonhas que faziam a molecada esfregar os olhos, de assombro. A baleia afinal era desencantada, aparecia em forma de uma moça loura muito bonita, penteando os cabelos na janela de um castelo, e por aí continuava ela até que Bernarda implacável, obedecendo à ordem “de botar menino para dentro”, chegava, e a turma era obrigada a dispersar-se.



Foto: Arquivo Histórico de Itaporanga d'Ajuda

À volta da excursão, alguém tendo afirmado que baleia não era peixe, provocou uma risada geral. Travou-se discussão. "Baleia não é peixe! Ora essa! Não vive no mar? Se baleia não é peixe, que é?" "Cetáceo!" "Cetáceo? Mas por que cetáceo não é peixe?" Todo o tempo que durou a viagem de retorno, o problema foi debatido. Não teve solução.

Teria o menino medroso do mar lido nas ondas um destino de naufrago... por uma dessas iluminações premonitórias de que nos falam tantos casos e exemplos da metapsíquica moderna? Essa ideia me veio depois, muito mais tarde, num tempo em que a curiosidade pelos problemas relativos às atividades supermentais do espírito me entreteve... experiências, transe de presciência inexplicáveis, comunicações misteriosas relampejando em clarões o futuro, estados de extralucidez em tantas modalidades relatadas por autores especialistas, ajuntados aos que a versão popular propala. Lembrei-me do menino em face do oceano. Ter-lhe-ia acontecido depois, no curso da existência, alguma coisa no mar ou por causa do mar? Acaso nem a própria criança se recorde do que me recordava eu. Talvez nada lhe tenha restado na memória desta cena. Fui no entanto testemunha de outro caso, de uma manifestação de medo na qual a realidade confirmou o presságio.

Foi muitos anos depois. Entre Itabaianinha e Timbó, onde íamos tomar o trem para a Bahia, apeciei-me na propriedade em que habitualmente nos hospedávamos. O dono dessas terras morrera. O filho, estudante de medicina, que eu conhecera na Bahia, abandonara os estudos para dedicar-se de todo à vida de fazenda. A tarde ia caindo na chapada nítida. O terreno, aí, reluz ao sol como uma miragem. De noite, quando há lua, fica branco como um cemitério. Os arbustos secos, esparsos na transparência da luz, lembram figuras e representações funerárias. A imagem impõe-se ainda porque certos cômodos e elevações arredondadas na superfície escavada tomam um aspecto de carneiros sepulcrais, ou de um ossuário imenso. Do céu metálico pende no descampado, como uma lâmpada, a lua. O longe não se esfuma e amortece. O horizonte define-se no fim da vista, exato, numa linha rasa. Nesse dia, a tarde, ao cair, emendara-se com o luar. Soltamos os cavalos. Tomamos um vinho de jenipapo e, desprezando as redes armadas no alpendre, estiramo-nos fora, nas mantas, gozando o cheiro do pasto espalhado no luar como perfume num lenço de cambraia.

Os agregados juntaram-se a nós. Um cavaquinho começou a repenicar, pespontando a minha conversa com Jerominho, meu hospedeiro. João Calixto, meu pajem, cabra prosista, quis “garrar” conversa com os homens, mas o cavaquinho não fez conta da palavra dele. “Canta, Silvino”, disse Jerominho a um agregado bem jovem, de agradável aparência, que estava no grupo. Silvino cantou uma toada boa, demorada, chorosa. O silêncio tornou-se maior. Uma estrela cadente descreveu longa curva por cima de nós. “Caiu em São Cristóvão!” exclamou João Calixto. “Por que São Cristóvão?” perguntei. “Estrela só cai para as bandas do mar; ora, mar por ali onde ela foi, só São Cristóvão”. Rimos.

De repente começamos a distinguir na linha extrema do pasto cavaleiros que passavam um atrás de outro com grandes chapéus de palha. Eram os morféticos (explicou Jerominho) que voltavam de pedir esmolas, o que faziam uma vez ou duas por semana. “Vivem por aqui?” “Sim, no agreste. Meu pai não deixava... Eu deixo; não incomodam; plantam sua mandioca, ninguém chega perto; aliás [e aí falava o ex-estudante de medicina] não pega; só com contato prolongado; o mais é superstição”.

Passavam devagar, em fila, seis ou sete. Demoravam na vista como se não acabassem de passar. Ouvimos então uma espécie de trilo de garganta, um riso histórico inesperado, estranho, que rasgou a serenidade do momento. Era Silvino, o rapaz que cantara. Disparou para o puxado de onde tinha vindo com os demais agregados. “É a segunda vez que tem tal manifestação”, comentou Jerominho para o meu espanto. “Superstição, pura superstição! A moléstia não é transmissível pelo ar e em muitos casos tem cura”. Citou fatos e autores. Ouvindo-o, concordando com o que dizia, não me libertei, contudo do mal-estar que me produziu o fato.

Parti de madrugada para alcançar o trem. Paramos, como sempre fazíamos, para almoçar no Barracão, lugarejo onde havia um hotelzinho, casa de telha-vã atarracada no barro, com uma porta e uma janela, em que já dormira numa das viagens e na qual ouvi um diálogo que me fez rir. Nessa ocasião a que me refiro, chegáramos ao escurecer. Atraído pelo tropear dos cavalos, o dono assomou à porta. Meu pai, que já ali tinha pernoitado, disse ao apear-se: “Prepare duas camas”. E gracejou: “Tem muita pulga, Severo?” O tabaréu, alto, seco, respondeu com a maior seriedade: “Qual o quê, Coroné... percevejo não deixa...” Eu não sabia que percevejo comia pulgas, nunca soube e nunca perguntei. Mas valia a pena, concluí para mim, passar a noite no hotel do Barracão só para ouvir um dito destes. Meu pai e eu reventamos numa risada gostosa que deve ter ficado dentro de nós, pois o sono foi bom e acordamos alegres.

Anos depois, já deputado federal, vindo da Bahia, detive-me de novo na fazenda de Jerominho, uma noite, cansado de viagem puxada. À partida, ao despedir-me, lembrei-me subitamente do rapaz que se assombrara, que teve aquela crise nervosa quando viu passarem em frente de nós, a distância, os sombrios cavaleiros, no descampado luarento. Recordei-me do fato mas não do nome do rapaz, e perguntei: “Aquele seu agregado que cantou e teve um ataque de nervos quando viu os leprosos, na última vez que passei, não apareceu agora...” “Silvino?” – perguntou o dono da fazenda. Baixou a cabeça e depois de um silêncio: – “Já não está mais aqui...” Fiz uma interrogação com os olhos. Jerominho estendeu o gesto e respondeu com a voz triste: “No agreste...” - “No agreste... como os...? Oh, diabo!” - exclamei. - “Então aquilo era um presságio, um pressentimento horrível?”

Contou-me Jerominho como, tempos depois daquela reunião, Silvino aparecera com os sinais iniludíveis da moléstia, rosto intumescido, dedos ficando cor-de-rosa. Os agregados afastavam-se dele. Foi para Itabaianinha, andou pelo Lagarto, pelo Geru... Todo o mundo fugia-lhe da presença. Pegou os trastes, foi-se juntar aos outros. “Oh, meu Deus!” - sussurrei. Jerominho continuou: “De vez em quando mando botar à beira da estrada dinheiro para ele. Ninguém quer ir entregar. Gritam de longe.” - “Como na Idade Média...” - comentei. - “Tal e qual!” - “Mas pode haver tais pressentimentos?” - ainda perguntei. Jerominho deu explicações científicas de que não me recordo.

